

# Echos de Guimarães

Director e Editor, Antonio de Carvalho Cyrne  
Redactor, Thomaz Rocha dos Santos  
Administrador, Antonio Dantas  
Redacção: Rua 31 de Janeiro  
Administração: Rua de Payo Galvão, 70

SEMANARIO MONARCHEICO

Propriedade da Empresa  
DOS  
Echos de Guimarães

Officinas de composição e impressão  
Typographia Minerva Vimaranesse  
68, Rua de Payo Galvão, 72  
GUIMARÃES

## DEMOCRACIA

No nosso artigo do n.º anterior não nos foi possível exprimir por completo o nosso pensamento sobre o assumpto que nos serve de epigraphe, e por isso, para não abusarmos da paciência do leitor, tivemos de suspender as nossas considerações.

Voltamos hoje ao assumpto, para, como promettemos, expôr o nosso modo de vêr sobre a forma pratica de entrar os progressos do democratismo.

E' sabido que ha nas sociedades, como nas familias, individuos que, a despeito dos esforços dos paes, de consortes, de irmãos, estão sempre descontentes. Nunca acham bom o que tem em casa, ainda mesmo que os outros se privem de tudo para lhes satisfazer os doentios caprichos.

Nas sociedades ha tambem individuos que, por eternos insatisfeitos, se convertem em eternos revoltados.

Podem as instituições, á sombra das quaes medraram e se crearam, serem as melhores do mundo; o seu espirito de revolta leva-os a achal-as sempre más. D'ahi, o prurido de quererem melhora-las.

E' claro que estes individuos seriam absolutamente inoffensivos, se não houvesse outros que os applaudissem e cuja opinião não viesse em apoio da sua.

Estes individuos são, por via de regra, outros insatisfeitos, mas estes, porque a vida é para elles dura, tem alguma razão no seu modo de ser.

Os primeiros são os demagogos, tomando o termo na sua rigorosa aceção, os suggestivos de opiniões e de arrastadores de vontades alheias; os segundos são simplesmente democratas, visto como, das parlendas dos primeiros, apenas percebem que ha uma differença de condições entre os homens, differença que querem que desapareça, senão propriamente que se mude em seu favor.

Esta classe de individuos é recrutada especialmente, quasi exclusivamente, entre o operariado, isto é, o individuo que alugando o seu braço ao capital, acha sempre o salario inferior ao seu esforço, e os proventos insufficientes para suprirem as suas necessidades, sempre crescentes, como crescentes são sempre as suas exigencias, mettendo-se assim num círculo vicioso que não tem sahida e a que elles proprios imprimem a acção e o movimento.

Com effeito, é a carestia da vida que determina a exigencia de maiores salarios, e são os maiores salarios que, elevando o preço da mão d'obra, encarecem a vida.

O operario d'uma industria, ao abalançar-se a uma greve para reclamar maior salario, não pensa ou não se preocupa em saber que a manufactura que vae sahir encarecida das suas mãos, vae affectar o companheiro d'outra industria.

Muito amigo, muito irmão, muito companheiro, mas primeiro está cada classe, e ainda cada individuo dentro da classe, se possível fôr.

Ora é claro que as coisas, continuando assim sem parar, por-

que não param, chegarão por fim a tornar a vida perfeitamente intoleravel para todos aquelles que não tenham por supremo recurso, e por sua vez, a greve, que lhes permita gosar os beneficios transitórios e fugazes que ella lhes possa trazer.

Estes individuos, demonstrada como fica a sua insatisfação, estão sempre promptos a acompanhar quem lhes fallar em reivindicações. D'ahi o successo dos demagogos.

Já foram elles que invejando a situação da nobreza e do clero antes de 1789, se revoltaram contra os privilegios que uns e outros gosavam, sem quererem saber das compensações que davam d'esses privilegios, e sem quererem melhor saber da origem d'elles. Abusava-se numa e noutra classe, certamente, como se ha de abusar sempre em todas enquanto dentro de cada homem não houver a alma de um juiz incorruptivel, com o sentimento do justo e do injusto levado ao extremo limite da perfeição. E porque essas classes abusavam dos seus privilegios, não viam os eternos descontentes de então, os demagogos, nada de melhor do que abolir-lhes, sem se importarem das consequencias que poderiam vir do seu aniquilamento.

Perdendo essas classes os seus privilegios perdiam a sua força, e com ella a influencia que na sociedade poderiam ter o brio da nobreza e a piedade do clero.

Rebaixadas todas as classes ao nível social e moral da plebe, em breve um quarto estado se formou que foi a burguezia, filha da plebe, mas filha degenerada e ingrata que renegou a mãe, e que, principiando por explorar a nobreza e o clero, acabou por explorar inexoravelmente o povo que escravisa ao poder absoluto do outro e ao seu implacavel egoismo.

E o povo, que fez a guerra á nobreza e ao clero, grita agora na sua inconsciencia contra a burguezia, obra sua, e seu castigo, sem querer tambem saber que é precisamente do egoismo e da cobiça dos argentarios que elle vive, pois só o burguez, o capitalista, tem sobras para arriscar em empresas a que o braço do povo se aluga.

Não é certamente a nobreza empobrecida, não é o clero expoliado, que montam fabricas ou outras empresas remuneradoras; não. Uma e outro, applicam o que da sua antiga influencia, hoje puramente moral, lhes resta, precisamente em melhorar a sorte do povo, seu algoz inconsciente, como ainda agora as senhoras de Lisboa e do Porto o demonstraram no seu sympathico e gentil movimento, em favor das familias dos soldados que andam em França derramando o seu sangue, em exclusivo proveito da demagogia.

Averiguado pois que quem explora o povo trabalhador e ruide, é o povo illustrado e enriquecido que por isso passou a ser a burguezia capitalista, a luta entre o capital e o trabalho deve- rá razoavelmente ficar circumscrip- ta a capitalistas e trabalhado-

res, com o direito de fraternalmente se esfaquearem no goso das regalias que a conquista da Liberdade, e mais partes da tripeça democratica, lhes deu.

Mas não: se o operario se revolta contra o capital, é este o que menos soffre, porque não soffre nada, visto como, para fazer face ao encarecimento da mão d'obra lá tem o recurso de encarecer por sua vez a manufactura.

Quem soffre são as outras classes, é a sociedade inteira, que não tem mais para onde apelar a não ser a restricção das suas necessidades.

E' isto justo? é isto razoavel? Por certo que ninguem será pela affirmativa, e portanto mister é dar-lhe remedio, e mal irá a vida, se os governos dos Estados não estudarem este magno problema com o cuidado e attenção que tão momentoso assumpto reclama.

A nós affigura-se-nos que a forma pratica de o resolver seria a partilha de lucros, e por lucros entendemos serem as sobras do juro legitimo do capital, do custo da mão d'obra, do fundo de reserva, da conservação do material, etc., etc.

Na verdade, não vemos nenhuma razão para que se não dividam os lucros entre os socios de uma mesma empresa, pois que o operario é theoreticamente o socio do capitalista e o seu alliado. Nada pôde fazer um sem o outro: sem o capitalista que monta a fabrica, fornece a materia prima, colloca os productos, o operario não teria onde exercer a sua acção e, por sua vez, sem o braço e a intelligencia do operario que regula o trabalho das machinas, o capitalista veria o seu ouro convertido numa pura inutilidade.

Portanto o operario e capitalista completam-se, são complementos do mesmo todo, peças da mesma machina; não devem pois manter entre si a discordia mas sim a mais completa harmonia. Ella será um facto quando o operario partilhar da riqueza que cria para os outros, quando fôr realmente socio do capitalista, porque nesse dia deixará de ser mercenário, deixará de ser um subalterno e passará tambem a ser capitalista, passará por sua vez a ser patrão.

E então, adeus exigencias de salarios além do razoavel, adeus diminuição de horas de trabalho! Convencidos os operarios que os lucros a dividir darão a cada um um quinhão tanto maior quanto menos fôr o numero de interessados, terão o cuidado de produzir cada um mais e melhor, e de interditar aos parasitas a partilha do bolo commum.

Elles os expulsarão como as abelhas obreiras expulsam os zangões. Os fiscaes não terão mais razão de existir, pois que elles proprios se fiscalisarão uns aos outros. As greves acabarão, por não terem os operarios de quem reclamar, e os demagogos roerão em silencio a sua ruim inveja, á falta de apoio de descontentes.

E os operarios, tendo o seu tempo preenchido, occupar-se-hão mais dos seus interesses particulares e reaes do que de politica; olharão mais as suas conveniencias, que as dos agitadores. A mão d'obra baixará de preço, o custo da vida diminuirá, e a paz e a tranquillidade do mundo

deixarão de ser uma aspiração de utopistas, para serem uma doce realidade.

Meditem nisto os governantes, os capitalistas e os politicos.

## HURRAH! PELO PORTO

A cidade do Porto vem de justificar mais uma vez a legitimidade do seu titulo de *Invicta, muito nobre e sempre leal*, no valor com que se abalançou a defrontar-se com Lisboa no seu esforço de bem servir uma justa causa, na generosidade com que os seus habitantes responderam ao appello das nobres almas femininas que se encarregaram da missão augusta de valer aos infelizes, e na lealdade com que arredaram para longe as suas ideias e os seus sentimentos politicos, para só verem nas gentis pedintes as mensageiras do bem.

Ricos e pobres, nobres e plebeus, burguezes e proletarios todos concorreram com o seu obulo, desigual na importancia, igual na generosa espontaneidade com que o offereciam, porque a todos, com equal gentileza elle era solicitado.

Foi uma festa de flôres, mas foi principalmente uma apothose á bondade humana, reflexo da bondade divina. O coração dilata-se, a alma sublima-se nesta troca de generosidades e de benemerencias.

Achamos tão edificante este feito, que a despeito de toda a nossa boa vontade não o podemos exaltar devidamente. Tumulua dentro do nosso peito os instinctos bons que ainda lá existem, chocam-se, empolgamos, subjugam-nos, obscurem-nos a razão, tiram-nos a faculdade de pensar.

Por nós, nada podemos dizer do muito que desejáramos, mas por Guimarães, cremos não abusar se dissermos que esta velha e doce terra, que foi berço de uma nacionalidade e d'uma monarchia, não podia ficar insensivel perante uma tão encantadora manifestação de solidariedade humana, e por isso, com enthusiasmo, com admiração, com

legitimo orgulho sauda a nobre e leal cidade do Porto e as almas gentis que a povoam, e que tão bem sabem umas pedir para os infortunados, como as outras abrir as suas bolsas e os seus corações ao seu carinhoso appello.

Hurrah! Pela cidade do Porto.

## Moreira d'Almeida

Ha três annos, em 17 de maio de 1914, foi entregue ao insigne portuguez e eminente director de *O Dia*, sr. Moreira d'Almeida, uma mensagem de cumprimentos, firmada por 523 vimaranenses, cumprimentos que traduziam a admiração pelo formoso talento de S. Ex.ª, e o reconhecimento pelo ardor com que defendia a liberdade e as regalias dos monarchicos opprimidos.

Os *Echos de Guimarães*, de esse dia, publicaram o seu melhor numero unico e pediram ás formosas pennas de Antonio Candido, Antonio de Carvalho, Conde de Samodães, Severim d'Azevedo (Crhyspim), Gaspar d'Abreu, J. Candido, José d'Azevedo, L. de Castro, Luiz de Magalhães, Luiz Martins e Visconde de Pindella, palavras de homenagem a esse insigne e eminente patriota.

Hoje, que volvidos são 3 annos, não queremos deixar de affirmar mais uma vez as nossas homenagens a esse Homem a quem a Patria deve muito e em quem os monarchicos encontraram sempre um defensor.

Com as nossas homenagens, transcrevemos o fundo dos *Echos* d'esse dia, fazendo assim justiça ao nosso querido amigo.

«Quando se fizer a Historia justa e imparcial das coisas portuguezas no periodo republicano, ella ha-de registar em caracteres d'ouro muitos nomes illustres e ha-de enaltecer-lhe os feitos de forma a demonstrar aos vindouros o patriotismo e abnegação dos filhos d'este abençoado paiz que, fieis aos seus principios, preferiram a desolação do exilio e deshonra do seu nome ou o horror dos immundos carceres e a sahna vil dos abjectos carcereiros ao silencio perante o esborço d'este torrão que é de todos nós, produzido por umas dezenas de farçantes em detrimento de milhões de portuguezes honrados e sinceros.

No capitulo Imprensa ella terá de descrever, a par de muita ineptia e de muita cobardia, de muita traição e de muita subservencia, caracteres ativos e nobres a quem a ambição não polluiu o espirito, homens de convicções firmes a quem as ameaças não conseguiram perverter a fé.

De entre estes destacar-se-ha, por certo, em um logar supremacia, a figura sympathica do grande Mestre do jornalismo portuguez que se chama Moreira d'Almeida.

O jornalista vigoroso e intemerato que nas columnas de *O Dia* espelha-va á luz da verdade os desatinos de uns e a pusillanimidade de outros, o que lhe valeu as mais odiosas persiguições e o infame encarceramento com seu filho, pertence hoje á Patria e á Historia, e por isso todos os portuguezes que amam as tradições de oito seculos de heroismo, se curvam, em respeitosa homenagem, perante o Homem de rija tempera a quem procuraram por todos os meios vergar, sem que o conseguissem.

Enquanto um throno se abatia e alguns medrosos despiam á pressa as fardas aguladas, para mais facilmente fugirem de Lisboa, elle, o jornalista

consciencioso, que nunca foi palaciano, que respeitando o seu Rei nunca procurou, todavia, como muitos outros que o abandonaram na hora do perigo, captar-lhe as boas graças para lhe arrancar rendosos benesses, ficava no seu posto de honra guardando os destroços d'esse throno para mais tarde o ajudar a reedificar.

Quando a Família Real, abandonada dos que a rodeavam e haviam jurado defendê-la, embarcava na Ericeira á procura d'um tecto amigo que a cobrisse, elle ficava fitando altivamente o ponto da partida por onde, tempos volvidos, devia assistir ao seu solemne regresso.

No seu posto o temos visto sempre sem uma tergiversação, sem um defalecimento, não o intimidando as ameaças, não o enfraquecendo as perseguições, não o desalentando a prisão.

Mais viva a fé, mais nitida a esperança, mais rijo o combate, elle ahi está ensinando-nos como se é portuez, como se ama a patria, como se defende um ideal querido.

Moreira d'Almeida é, positivamente, um heroe.

Não maneja uma espada mas empunha uma penna por todos os titulos brilhante que, como latego de justiça, cae em cheio com as verdades que reproduz sobre os esphaceladores d'este velho Portugal.

Os «Echos de Guimarães» ao ser entregues a este insigne jornalista a mensagem firmada por centenas de vimaranenses, associam-se a essa justissima homenagem, dedicando-lhe o presente numero.

leda esperança de salvar a nação e... os pepinos, consiste apenas em rhetoricas frivolas e comedorias pantagruelicas.

Advogou com todo o calor e entusiasmo a nossa participação na guerra; pois, a despeito de todo o entusiasmo, não foi capaz de organizar um batalhão de voluntarios que se antecipasse ao envio dos nossos soldados. Estes —coitados!— é que não de amargar todo o fel da nossa cooperação na grande peleja. Os preconizadores, propagandistas e gratuladores d'essa cooperação, esses ficam a bom recado para evitar digestões incommodas.

Como poderá assim reciprocarse a confiança de que precisamos para serena e fortemente superarmos as difficuldades que nos abarbam e que todos os dias recrescem e se multiplicam?

Que tremendas responsabilidades não são as dos que nem ao menos nesta intercadencia de sustos e soffrimentos enfreiam as suas ambições, as suas pertinacias, os seus excessos!

P. A.

## A FAVOR DOS SOLDADOS

As almas boas dos vimaranenses não deixarão certamente de, á semelhança de Lisboa e do Porto, fazer alguma coisa em beneficio dos desgraçados a quem a negra sorte empurrou para a guerra.

Senhoras de Guimarães! os pobres soldados olham para vós e contam que lhe protejaes os seus filhos; não esqueaes a quanto obriga a fama da vossa generosidade e da vossa virtude.

Olhae por elles.

## Statu quo ante

Do excellento diario integralista *A Monarchia* transcrevemos com a devida venia este brilhante artigo do nosso illustre amigo e camarada Snr. Dr. Julio de Mello e Mattos, Escripto com o habitual bom senso e brilhantismo que o distincto escriptor põe em tudo quanto dá a publico, cremos que os nossos leitores nos louvarão pela ideia que tivemos de honrar as columnas d'este semanario com o producto do incontestado talento de tão reputado escriptor.

Servem estas palavras de lema á corrente monarchica que se offende e amedronta com affirmações indispensaveis, mas que pela sua discordancia com a timidez e reacção das massas, parecem indisciplinadoras, enfraquecedoras da hoste monarchica.

Essa phrase que satisfaz a indolencia de quem não se deu ao trabalho de a analisar nos seus fundamentos e nos seus effectos, é pelo contrario mascara da maior indisciplinadora e enfraquecedora da hoste monarchica. Semelha um panno de theatro que figurasse uma fachada de marmore d'um opulento palacio, e aos olhos dos espectadores é imponente, macissa, rigida e inabalavel, mas para os que se dessem ao trabalho de subir ao palco, constatariam que sob lona grosseira só se veem manchas informes e que tudo é sustentado por sarrafos de pinho

e pregos de arame. A vacuidade d'essa phrase não resiste á mais ligeira analyse.

A restauração monarchica não pôde restabelecer, no dia em que se fizer, nem as finanças, nem os corpos politicos, nem os quadros do funcionalismo, nem as aspirações do paiz, nem a mentalidade da nação taes quais eram em 5 de Outubro. Não foi impunemente que mais de seis annos de republica deixaram o seu vestigio na historia e na vida do Paiz. Como foi esse vinco sangrento, esbanjador, immoral, mas tambem illuminador dos cerebros e deputador das consciencias, di-lo-ha inexoravelmente a Historia; nós hoje limitar-nos-hemos a constatar os effectos indiscutíveis e perguntaremos:

E' possível restaurar os partidos politicos e as suas dissidentes patrulhas? E' possível fazer eleições pelos processos actuais com os programmas reduzidos aos nomes dos chefes?

E' possível dar ingresso nas honrarias, nos titulos, nos cargos, a essas milhares de caracteres venais que no regimen actual tem sido das figuras mais sinistras?

Será possível restaurar o descalabro da fortuna publica e particular? Será possível occupar o mesmo logar que Portugal, brilhantemente conquistára, pela pericia de El-Rei D. Carlos, na politica internacional?

Não, certamente ninguem pôde defender tal regresso ao «Statu quo ante». E se do campo positivo passarmos ao de ordem moral e intellectual a impossibilidade é ainda mais irreductivel. E' possível já hoje, alguém de consciencia, ter esperança na formula democratica, como regeneradora da nação? Tem hoje alguém, que ame o seu paiz, duvidas sobre a superioridade da formula monarchica, sendo possível a indiferencia que até 1910 civava a maioria dos portuezes? Ousará alguém ostentar civicas proposições de —republicano dentro dos limites da Carta?

Não, incontestavelmente não! Pois então como é possível sustentar um *statu quo ante*, se as coisas e as pessoas são tão diametralmente oppostas?

E não foi só a mudança de regimen que transformou as ideias no nosso paiz, outro e talvez mais poderoso elemento modificador operou transformações radicais, no mundo todo—a grande guerra.

O mundo todo, mas mais profundamente a velha Europa, sahira da fogueira colossal que a devora e regenera, completamente transformada, cahirão as formulas vãs e malfasejas que a suffocavam, para guaiarem a humanidade as formulas morais e verdadeiras que já se desenhavam e se importão.

Morreu a democracia e a sua base do suffragio e a sua expressão parlamentar.

Que *statu quo ante* se pôde defender! Elle seria a desordem, porque a ninguem satisfaria e ninguem o poderia aceitar, por incapaz de satisfazer ideais ou realisar as aspirações morais, politicas e economicas do paiz.

Restaurar o que estava para depois estudar e discutir as reformas radicais a fazer, seria a mais completa inhabilidade e originaria a mais tremenda anarchia. Esse estudo, essa discussão impõem-se hoje.

Hoje devem ventilar-se, no campo monarchico, todos os problemas, discutir todas as tendencias, apreciar todas as hypotheses; podemos fazê-lo com relativa calma, indispensavel para chegar á solução mais perfeita; orientar, frisar principios, esboçar reformas, propagar verdades politicas, interpretar formulas economicas e dirigir a mentalidade do paiz, não é obra de perturbação, antes pelo contrario, é obra de construcção.

Já demais se destruiu no seculo passado e nas duas dezenas d'este, sentindo-se agora um ancio

enorme da classificação dos bens materiais que resistiram a essa derrocada, da sua collocação no logar que lhes compete, sem hesitações, sem desvios pelas veredas trilhadas que já não tentam nem satisfazem os espiritos educados, que firmemente e conscienciosamente querem impôr-se a ardua e utilissima missão de ligar aos que após nós vierem, um Portugal perfeito, engrandecido, consciente do que vale e caminhando seguro caminho que maus conductores lhe tinham feito esquecer.

JULIO DE MELLO E MATTOS.

## SACIADOS DE LIBERDADE

Estamos enfim saciados de liberdade!...

Caiu aquelle monstro que durante 7 seculos nos aferrara os pulsos, fazendo de nós servos de gl'ba, para surgir a hora bendita da redempção, que nasceu na grande manhã de 5 de Outubro de 1910 por entre o fumo da polvora bombardeira dos revolucionarios civicos da republica.

Agora sim, agora que terminou a tyrannia, podemos alfin respirar. O pensamento já não tem peias e pode manifestar-se em todas as suas formas, com tanto que não offenda a republica immaculada ou o democratismo dogmatico de Affonso Costa e Leotilde do Rego.

Terminaram as apprehensões infames que a monarchia impunha aos jornaes, para poderem agora apparecer livremente, com espaços immaculadamente brancos,—símbolos e monumentos da liberdade. Já não ha perigo das empresas jornalisticas perderem as edições completas já impressas, porque a Republica previdente tomou a liberdade de impedir, com o liberal lapis do liberal censor, que a imprensa turve a liberdade dos governos quando fazem coisas que o publico não precisa de saber.

Só não vê isto quem tem os olhos fechados pela luz offuscadora do odio á liberdade nascida do sangue generoso dos herois de 14 de Maio.

Liberdade, liberdade para todos, sem peias, sem sofismas e sem reservas.

Liberdade á Igreja, que pode exercer os actos do culto dentro dos templos com as portas fechadas, ou enquanto os carbonarios o consentirem.

Liberdade de ensino, quando os professores retintamente democraticos proclamam a infallibilidade pontificia do Affonso Costa.

Liberdade ao pobre de escolher entre morrer de fome ou de frio, ou de ambas as coisas, enquanto a fidalguia, creada pelo novo regimen, compra automoveis, faz palacios e compra mobiliarios caros, etc.

Liberdade ao lavrador para se esgotar no trabalho de cada sol, para colher uns miseros grãos de milho, que a administração militar lhe leva, ou a que o governo lhe põe preço, deixando liberdade aos negociantes ricos de se fazerem milionarios á custa do sangue dos pobres.

Liberdade, muita liberdade aos amigos das auctoridades para formar syndicatos e comprarem o milho existente nos celeiros dos lavradores pelo preço que lhes convem, sem licença para mais ninguem poder exportar, nem vender por preço inferior ao que elles põem (com vista aos felizardos de Ponte do Lima).

Liberdade para certos administradores, de sociedade com apaniguados proximos de certa auctoridade districtal, poderem comprar o milho, e exportá-lo á vontade, chegando a negá-lo até e a fornecê-lo para a manutenção militar, para lhes não faltar para o seu negocio.

Liberdade, enfim, de apanhar

peixe espada quando os insaciables se lembrarem de perturbar a liberdade de funcionamento dos democraticos estomagos que nos governam e regem.

E ainda ha descontentes, ainda ha quem queira chamar neste semanario os lavradores ás armas a defenderem-se, a unirem-se para olhar pelos seus interesses?

E' que sempre houve insaciables e invejosos que não podem ver uma camisa lavada no corpo do visinho. Sempre ouve jesuitas encapotados que procuram tapar os olhos aos papalvos para elles não verem a luz que lhes entra pelas fendas dos telhados sem telhas ou das casas esburacadas; é que sempre houve quem quizesse negar a evidencia do que nos cerca. Nem que não fosse o regimen republicano o que nos regel!...

Agora já basta, basta de tanta liberdade, para que não venhamos a morrer afogados nella. Por favor, senhores, não nos deem mais.

Pedro C.

## O toque da frauta rude...

Abandonamos Basto, afastandonos do Marão, o qual á maneira que mais nos distanciavamos, maior se nos apresentava na magestade olympica que aos nossos olhos tornava—e mais grandioso, mais altivo, sublime, bello e quasi divino na sua sumptuosidade rustica; nos flancos, as sorridentes campinas, cuja pujança de vida aflorava no colorido dos milheirões, que uma leveissima aragem mui carinhosamente fustigava; a «Nossa Senhora da Graça»—e tão cheinha d'ella a ess'hora!...—a perder-se lá ao longe, envolta por scintilantes poalhas d'ouro, e que logo, deslindada d'ellas, se nos revelava, de novo, como:

«A ensinar o caminho  
A' gente que anda perdida...»

Era ao tombar o crepusculo vespertino,—em ondas d'ouro fluido e palido,—como a desmaiar de saudade. O carro deslisava a passos lentos, além Celorico, além Codexoso, e os nossos olhos maravilhavam-se, extasiados, mesmo em frente a Rebordelo,—o sitio mais cheio de Luz e de Belleza da minha Terra,—ao esvaír-se o Sol agonizante de ha instantes, na quebrada do Marão, lá além...

... Longe... lá bem ao longe... da outra-banda, algum tocava frauta com certa maviosidade religiosa; provaveis labios vermelhos de fogo de algum camponez amado e feliz—d'esse vermelhidão intenso de lindo poente d'hoje, executavam (seria acaso alguém que se houvera enamorado da paysagem!...) com tanta ternura essa aria extranha que nos vinha dos... Longes, e que tão delicadas, fortes novas emoções nos suscitava!

Parecia mesmo até dar animação ao todo bulicoso da paysagem, dar-lhe mais Alma, dar-lhe Vida, o toque da frauta rude e divina: —As arvores em de redor pareciam, agora, extranha e agradavelmente sensibilizadas, mercê d'essas vagas, mimosas notas que nos chegavam de além, em surdina...; as rasteiras ervas como que se sentiam viver hoje uma vida de nervos intensa, embaladas na aragem forte mas macia da Tarde, e, tremulas de comoção, como attentamente escutavam, em perpetuo extase, os sentidos rumores da frauta do camponez de labios vermelhos de fogo—d'esse vermelhidão intenso do lindo poente d'hoje!; os queixumes gemebundos do riachosinho que ao fundo desliza, serenamente, esse mesmo que me extasia os olhos quando de manhãzinha me levanto e o olho, lá em baixo, da janela do meu quarto e abraçada as suas fúrias, que me não vá acordar... tão silencioso elle vai o meu amigo e meu visinho!; até os seus soluços são hoje

## Sempre na mesma

Estamos sempre na mesma: os dias de paz interna e de mutua confiança, por que esperamos ha tanto tempo e que tão necessarios nos eram nos afflictivos transe por que estamos passando, não acabam de chegar. O sinistro periodo revolucionario que supunhamos em nossa boa fé ser breve, ainda subsiste mais ou menos latente, para maior desgraça d'esta nação desventurada.

As garantias constitucionaes são uma ficção. Ainda ha dias a mesa da Irmandade de Santa Cruz de Braga foi dissolvida arbitraria e arbitrariamente, sem ter sido sindicada, sem ser ouvida a sua defesa. Um simples *firmão* do poderoso satrape de Braga bastou para commetter essa iniquidade que nem ao menos teve a disfarçá-la as formalidades legais. E que ella teve pleno assenso de toda a seita governamental, conclue-se claramente do silencio com que da sua parte foi recebida.

Vê-se que todos os governantes e os seus apaniguados estão nas mesmas disposições de saltar por cima das leis, quando assim convenha aos seus interesses ou aos seus caprichos vingativos.

No Porto, fóra de flagrante delicto e sem culpa formada prendeu-se e conservou-se por alguns dias incommunicavel um illustre membro do clero sob a especiosa accusação de num sermão ter desacatado o regimen das liberdades... republicanas.

A censura á imprensa periodica tem instrucções de cortar nos jornaes tudo que envolva desprestigio para as instituições ou para as auctoridades; o que, posto em pratica, representa o exterminio da liberdade por que noutros tempos tanto clamavam os nossos governantes e que agora comprimem sem a menor consideração.

O que se infere de tudo isto, é que a união sagrada com que não cessam de nos matinar, não passa d'uma santa leria que os devoristas inventaram a ver se faziam a digestão em mais socego. O que nesta hora tragica os preoccupa sobre todas as coisas, não é a defesa da patria nem o bem publico, mas a conservação do regimen que tem sido um regabofe para muito ocioso faminto.

Os sacrificios enormes que o Estado tem imposto e ainda ha de impor, são para todos, mormente para os que tem que perder; os beneficios e regalias, porém, são para uma casta que a si mesma se privilegiou e que pretende impor a sua despotica vontade a toda a nação. O patriotismo d'esta casta que subiu sob a

mais do cotação intimos, que o meu rio chora sempre, de contente! inspirando-lh'os talvez o toque, francamente harmonioso, da frauta rude...

Simphonia extranha essa,—que tanto parecia animar a paysagem, dar-lhe Alma, dar-lhe Vida...!

Era ao tombar serenissimo das horas crepusculares, incendiando, fogo-vivo, o maravilhoso da paysagem, afoguada. Batidas havia instantes na velhissima sineta camararia as sete horas, cujo vago echo indistinctamente nos vinha retumbar aos ouvidos, sempre alerta e sempre attentos ao surdo rumorejar das coisas mortas, ia de retirada o camponez de labios vermelhos de fogo—d'esse vermelhidão intenso do lindo poente d'hoje a esvaír-se fugidamente,—e o toque da frauta rude ia-se amortecendo, abrandecendo-se momento a momento, prestes a extinguir-se. As ultimas divinas harmonias desprendiam-se de nós com saudade em notas fugidias, ligeiras, mas intensamente coloridas e mimalhas, deixando-nos a Alma embrenhada—errando á tôa nas regiões phantasticas da Chymera—num vago tom de tristeza bem profunda e bem pungente.

(Continua).

Celorico de Basto, Outomno de 1916.

ALBANO MOTTA GUEDES.

## PIOS

Bellezas da Soberania do Povo

A situação na Russia

PARIS, 17—Dizem de Petrogrado que uma grande parte do exercito começa a manifestar-se contra o prolongamento da agitação revolucionaria que impede o regular funcionamento das fabricas de munições.

O segundo batalhão de reserva do regimento da guarda de Petrogrado apresentou-se, debaixo de forma e de bayoneta calada, na fabrica Partilow, onde o commandante declarou que os soldados vinham até junto dos operarios, estendendo-lhes os mãos, para lhes pedir que aprovisionem o exercito de munições e de material e que não trabalhem só oito horas mas o mais possivel.

Se o não fizerem, de novo os procurarão, mas com outras intenções.

As guarnições da esquadra do Báltico dirigiram-se tambem ao comité de operarios instando por que estes retomem o trabalho.

Tem sido muito commentado o facto de Kerensky se afastar, embora temporariamente, do governo.

Ora tinha muita graça se o povo soberano se fosse agora incomodar a trabalhar mais de 8 horas por dia ainda mesmo em serviço urgente da patria. Isso é bom para os escravos alimões.

Um que foi á cidade

Carteira a menos

Pede-se ao cavalheiro que a subtraiu na igreja de S. Nicolau, por occasião da festa da Senhora da Boa Nova, para a mandar entregar juntamente com os papeis e documentos na Praça Almeida Garrett n.º 14, em frente á estação de S. Bento, podendo ficar com o dinheiro que nella continha.

E' de crer que o Ex.<sup>mo</sup> gatno, graças a tanta gentileza, se apresse em restituir tudo incluindo o dinheiro.

Diplomacia chinesa

China e Alemanha

Paris, 16 (ret.)—A China pre-

para a declaração de guerra á Alemanha.—Esp.

Pelo tempo que tem levado, deve ficar obra acieada. Estamos a ver que se guarda para entrar na dança quando a guerra acabar.

Um que parece da China

O sr. José Maria Pereira protesta contra o facto de estar ausente o ministro das finanças no momento em que se devia discutir o orçamento.

A proxima sessão é no dia 25.

Adeus adeus! Este até que que o grandissimo estadista tenha o dom da ubiquidade: ou bem que ha de estar no front a extasiar-se com as homericas façanhas do digno rebento, ou bem que ha de estar a tratar das obrigações do seu cargo.

Já é preciso ser exigente.

Cautela e caldo de galinha

O Brazil rompe com a Austria?

RIO DE JANEIRO, 14—Os jornaes anunciam grande actividade nos circulos militares que estudam as principaes questões, que interessam a defeza nacional, taes como a produção de munições, e a defeza dos portos. Correm boatos de rompimento com a Austria.—H.

Ainda bem que se trata da Austria; se o negocio fosse com a Suissa, a estas horas estava o Pão d'Assucar derretido.

Machadada no regimen

Declaração

Declaro que nesta data deixo de ser regedor d'esta freguezia, assim como me desligo de toda a facção politica.

Mafamude, Villa Nova de Gaya, 11 de abril de 1917.

Augusto Moreira d'Araujo.

Lá que deixasse de ser regedor, vá com os diabos, mas desligar-se de toda a facção politica é que é cravar muito fundo o ferro, no coração do regimen.

## NOTICIARIO

Recita de caridade

Vizella, 17 d'Abril.

Realizou-se, conforme estava annunciada, no domingo, 15 do corrente, no Salão-Theatro Mourisco-Club, a recita promovida e desempenhada por um grupo de jovens e gentis meninas e rapazes filhos das principaes familias d'estas thermas e em beneficio do projectado Asylo de Mendicidade de Vizella.

O salão achava-se bellamente enfeitado com palmas e flores dispostas nas paredes e sobre a plateia partindo dos lustros centraes para os candelabros lateraes variados cordões de camelias brancas e vermelhas que completavam o fino gosto e artistico das gentis meninas que tomaram a seu cargo a ornamentação do salão.

Eram 9 1/2 quando o panno abriu para dar começo ao espectáculo.

Principiou este por uma audição musical, bellamente executada em piano pela Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria Leopoldina de Freitas Bravo, que com uma technica e precisão admiraveis alliadas a um grande sentimento tocou as difficéis composições *Au bord du Gange* de Mendelssohn—Liszt e a *Rhapsodie Hongroise XI* de F. Liszt, mostrando bem o seu temperamento artistico, merecendo-lhe fortes applausos que ressoaram por toda a sala, sendo-lhe lançadas nessa occasião duas pom-bas brancas.

Depois d'um curto intervallo pa-

ra dar tempo a que duas meninas vendessem programmas illustrados seguiu-se a comedia em 1 acto «Um noivo infeliz» desempenhada admiravelmente pela Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria E. Peixoto Caldas, que no papel de uma excellente *Viscondessa de S. Barnabé*—velha pretenciosa e beata, sustentando até final sempre o seu papel. D. Alda Alves d'Araujo, no papel de *Laura*—sobrinha d'aquella, muito bem. D. Maria Antonia Martins no papel de *Felicidade*—creada ladina, muitissimo bem e desenvolta. José da Silva Pinto no papel de *Jorge de Mallo*—medico gallan, fez bem o seu pequeno papel. Armenio Peixoto Caldas no papel de *Carlos Girão*—typo ignorante e pretencioso, galan comico, foi inexcusavel de graça, encarnando perfeitamente o papel. José de Freitas Bravo, no papel de *Ventura*—creado lorp, admiravelmente e com muita graça; e assim terminou a 1.<sup>a</sup> parte do espectáculo, sendo todos os jovens amadores muito applaudidos.

A 2.<sup>a</sup> parte constou do episodio dramatico em verso de Henrique Lopes de Mendonça, «A Herança», cujo desempenho foi magistralmente interpretado pela Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Maria Leopoldina Bravo, que no difficil papel de *Tia Rita* mostrou uma fina vocação artistica. D. Maria E. Peixoto Caldas no papel de *Gloria* deu-nos uma esplendida ingenua e Armenio Peixoto Caldas no papel de *Miguel* provou ser um verdadeiro artista. Todos três disseram admiravelmente e por tal forma se houveram que foram no final repetidas vezes chamados ao proscenio.

Fechou o espectáculo a comedia em 1 acto, «A Espadellada», primorosamente desempenhada pela Ex.<sup>ma</sup> Snr. D. Maria Leopoldina Bravo no papel de *Therese*—lavradeira. D. Maria Lydia Sequeira no papel de *Joaquina*. D. Alda Alves d'Araujo no papel de *Mafalda*. D. Maria E. Peixoto Caldas no papel de *Rufina*. Armenio Peixoto Caldas no de *Thomaz*. Pedro da Silva Pinto no de *Zé Borrasca*. Joaquim de Freitas Brava no de *Ernesto*.

Esta comedia que foi o clou da festa inexcusavelmente posta em scena com ricos e vistosos trajez á lavradeira, lindissimos numeros de musica, descantes variados, inspiradas creações do distincto medico vizellense Dr. Manoel Caldas, scenario vistosissimo feito de baixo da sua direcção.

Os varios coros e danças campestres d'um bello effeito e afinadissimas, destacando-se a canção do marinheiro e côro e sobre tudo o sentimental côro do «Toque d'Avé-Marias».

Tomaram parte na «Espadellada» como serandeiros, cantadeiras, camponezas e espadelladeiras as Ex.<sup>mas</sup> meninas: Maria Antonia Martins, Maria Helena Bravo, Arminda Sequeira, Maria da Conceição Bravo de Faria, Audeth Araujo e Carmen Bravo de Faria; e os meninos Carlos Bravo, José da Silva Pinto, Fernando Bravo de Faria, José de Freitas Bravo, Emilio Peixoto Caldas, Mario Bravo de Faria e Alfredo Mauricio Bravo.

No final foram chamados todos os jovens amadores ao palco, sendo alvo d'uma grande ovação e havendo então uma chamada especial e entusiastica aos ensaiadores Dr. Manoel Caldas e Alfredo Bravo.

Assim terminou esta beneficente festa que ficará por muito tempo na memoria dos que tiveram o prazer de a ella assistir.

A' distincta e numerosa assistencia, onde se viam as principaes familias de Vizella, Santo Thyrsio, Guimarães e Paços de Ferreira, ouvimos dizer que tiveram a persuasão perfeita de estarem em frente de verdadeiros artistas em vez de jovens amadores.

Ao distincto sportman vizellense Ex.<sup>mo</sup> Snr. José Moreira de Sá e Mello se deve uma parte do bom exito da recita.

Mão fatal

La mano que apierta um guarda-chuva ou uma bengala comprada na *Chapelaria Martins*.

Carlos Malheiro Dias

Procedente do Rio de Janeiro, para onde ha tempos partira, regressou ha dias a Lisboa o sr. Carlos Malheiro Dias, talentoso e illustrado homem de letras.

O sr. Carlos Malheiro Dias vem incumbido pela Grande Commissão Pro-Patria, do Rio, de organizar, na qualidade de seu delegado, de accordo com o «comité» de Lisboa, «A Obra de Protecção aos Orfãos da Guerra», pela qual a colonia portugueza do Brazil tomará sob a sua protecção, como seus «Afilhados», todos os orfãos dos soldados e marinheiros mortos em campanha.

Esta instituição não se destina a proteger o orfão no seu desamparo de momento, mas ainda a velar pelo seu futuro: manutenção, educação e collocação na idade propria, isto é, garantir o presente e o futuro ás pequeninas victimas indirectas da guerra.

A organização d'esta grandiosa obra de beneficencia será em breves dias communicada a toda a imprensa, em todos os seus pormenores. Como se vê o sr. Malheiro Dias vem por assim dizer como embaixador da Colonia Portugueza do Brazil, pois traz plenos poderes da «Grande Commissão Pro-Patria», para a execução da «Obra» de que elle foi o inspirador.

S. ex.<sup>a</sup> hospedou-se no Avenida Palace onde tem sido muito cumprimentado.

A primeira visita que o sr. Malheiro Dias recebeu foi a de s. ex.<sup>a</sup> o embaixador do Brazil.

Damos-lhe as boas vindas.

Juventude Catholica Portugueza

Vae reunir-se em Vizeu o 4.º congresso da Juventude Catholica Portugueza, facto que não passará despercebido na vida religiosa do paiz, attenta a sua importancia e o caracter pratico que o cercará. Sem pompas escusadas, os congressos da J. C. P. tem vincado sempre pelo espirito que anima os seus trabalhos e pelos fructos colhidos.

Este que vae celebrar-se nos dias 28 e 29 marcará tambem, os resultados obtidos serão igualmente proveitosos, estamos certos d'isso, e os rapazes que no fim d'este mez se reúnem na linda cidade da Beira, hão-de trazer do congresso novas energias para continuar este combate arduo e exgotante em que todos andamos empenhados.

A's nossas gentis leitoras

Chamamos a attenção de V. Ex.<sup>as</sup> para a linda exposição de roupas brancas que tem em uma das montras o nosso amigo sr. Manoel Martins (Chapelaria Martins).

Jornaes processados

Foi mandado instaurar processo de transgressão aos jornaes de Lisboa «Diario Nacional», «Portugal», «Monarchia» e «Vanguarda», por falta de cumprimento do que determina o § unico do artigo 8.º do decreto de 28 de outubro de 1908, e do decreto de 12 de novembro de 1898, no que respeita á remessa diaria d'aquelles periodicos ao ministerio da justiça.

Missa

Para suffragar a alma do seu generoso bemfeitor sr. Domingos José de Sousa Junior, ultimamente fallecido, resolveu a mesa da Veneravel Ordem Terceira de S. Domingos mandar celebrar uma missa, na sua capella, pelas 10 horas da manhã da proxima segunda-feira.

Ver os annuncios na 4.ª pagina.

## SUBSCRIÇÃO NACIONAL

Assistencia Religiosa em Campanha

Transporte. ... 536\$745

Padre Justino José Cardoso Guimarães, 1\$000; Maria Rodrigues de Barros, 500; José Gonçalves Leiro, 100; José Joaquim Duarte, 100; Maria Fernandes de Castro, 100; Abilio Fortunato da Silva, 100; Guilhermina da Costa Coutinho, 100; Joaquim Amandio da Costa, 100; D. Leocadia Fernandes de Mattos, 120; José Vicente Gonçalves da Cunha, 200; Silvino dos Santos Gonçalves, 200; Francisco Rodrigues Alves de Catvalho, 200; Maria Gomes Gonçalves, 60; Rafael Exposto, 60; Maria de Jesus da Silva, 60; Casemira da Costa Coutinho, 60; Felizarda Gonçalves da Costa, 50; Francisco Lopes dos Reis, 50; Manoel Vicente Gonçalves da Cunha, 50; Antonio Fernandes Pinto, 50; José Fernandes Pinto, 40; Joaquim Alves Vieira, 40; Lino Martins, 40; Rosa Gonçalves da Costa, 40; Varios, 640 reis.

Parocho e parochianos de S. Paio de Vizella, 13\$200 reis.

D. Lucinda Pereira Pinto de Simões, 2\$500; Padre João Dias da Silva (parocho), 1\$000; José Antonio Fernandes, 60; Rosalina da Silva, 60; José Francisco Gomes, 100; José Corrêa Guimarães, 500; Francisco José Salgado Guimarães, 1\$000; Maria de Oliveira, 300; Anna Pedrosa, 500; Manoel Pereira, 100; José Rodrigues, 100; Joaquim Mendes, 100; José Rodrigues d'Oliveira, 100; João Rodrigues, 100; Antonio de Lemos, 100; Anna Maria Fernandes, 100; Belmiro d'Almeida, 100; Jeronymo de Lemos, 100; Deolinda Rosa, 100; Jeronymo de Abreu, 100; Antonio de Lemos, 100; Francisco Lopes, 200; Adriano Exposto, 100; José d'Oliveira, 50; O resto da freguezia, 430 reis.

Padre Francisco Manoel Barbosa, 1\$000; Manoel José Pimenta, 500; José Alves de Faria, 500; Clemente Pinto Teixeira da Costa, 500; D. Antonia Rosa d'Araujo, 1000; Avelino José de Castro, 200; Joaquim José de Castro, 50; Abilio José Pimenta, 200; Antonia Carneiro, 20; Francisco Pereira, 40; João d'Oliveira, 100; Antonio d'Oliveira, 100; Bernardino Sampaio, 100; Bernardo Ferreira, 100; Antonio Ferreira, 100; Antonia Ferreira da Silva, 40; Manoel Dias Sampaio, 100 reis.

D. Margarida F. Lima (professora), 100; José Alves, 100; Antonio da Costa, 20; Ambrosio Exposto, 40; José Pereira da Costa, 100; Antonio d'Almeida, 100; Clemente Machado, 50; Narciso Ferreira, 50; Olinda da Costa, 100; Manoel da Cunha, 40; Antonio Rodrigues, 100; Bernardo Rodrigues, 20; Luiz d'Oliveira, 100; Rosa Pereira, 40; Francisco Pereira, 100; Emilia Rosa d'Oliveira, 100; Catharina d'Oliveira, 60; Domingos de Castro, 20; Maria d'Oliveira, 140; Antonia Pereira, 30; Joaquim Machado, 20; Antonio de Castro, 50; José d'Abreu, 50; Anna Alves, 40; Rosa Alves d'Oliveira, 40 reis.

Somma... 568\$175

(Continua).

COMMUNICADO

Ao Commercio e ao Publico

Joaquim Moniz, morador no logar do Canto d'esta cidade, roga aos snrs. Commercialistas, especialmente os de molhados e ao Publico que nada forneçam fiado a sua mulher ou qualquer pessoa sua enviada pois de nada assume responsabilidade.

Roga tambem, e agora de mãos postas, a umas *santas creaturas* que na sua ausencia passeiam no caridoso intuito de distrahir sua referida mulher, que se abstenham de tanta caridade.

E por enquanto seja tudo em boa-paz.

E agora venham queixumes de que o *ditoso marido* a ninguem avisou mais que um milhão de vezes!

Guimarães, 8 de abril de 1917.

Joaquim Moniz.

Arrematação

(1.ª Publicação)

No dia 6 do proximo mez de maio, por 11 horas, na rua de Payo Galvão, d'esta cidade, na casa onde residiu o inventariado Francisco Jacome e a requerimento dos interessados no inventario entre maiores a que se procede por fallecimento do mesmo Francisco Jacome, e em que é inventariante a Sociedade Martins Sarmento, d'esta mesma cidade, se tem de arrematar em hasta publica em conjunto o estabelecimento commercial do dito inventariado, o qual é posto em praça pela quantia de mil setecentos noventa e sete escudos e quatro centavos.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos do inventariado.

Guimarães, 17 d'abril de 1917.

Verifiquei

Santos.

O escrivão do 6.º officio,

João Joaquim d'Oliveira Bastos.

O que todos devem saber

Revista semanal illustrada

Director: FRANCISCO DE ALMEIDA

Auctor do Dicionario das Seis Linguas

BASES DA PUBLICAÇÃO

O que todos devem saber sahrá todas as semanas, em 8 paginas de texto acompanhadas de uma pagina artistica impressa em papel couché

ASSIGNATURA

Paga no acto da entrega

Numero avulso . . . . . 40 rs.  
Tomo de 32 paginas . . . . . 160 »

Paga adeantadamente

Por anno—52 n.ºs formando um volume de 416 pag. . . . . 1\$500 rs.  
Por semestre—26 n.ºs . . . . . 800 »  
Por trimestre—13 n.ºs . . . . . 450 »

Não se enviam quaesquer exemplares, nem se tomam assignaturas que não venham acompanhadas da sua importancia, afim de evitar embaraços ao serviço da administração

ANNUNCIOS

Preços convencionaes

Como vantagem proporcionada aos assignantes, a Empreza facilitar-lhes ha gratuitamente os preços de machinas, ferramentas e productos de qualquer genero que na publicação forem annunciados por fabricantes e constructores, quer nacionaes quer estrangeiros. Da mesma forma responderá ás consultas que se lhe dirijam relativas a assumptos geraes, e encarregar-se ha da compra de machinas, aparelhos, instrumentos, etc., portuguezes e estrangeiros, devendo as suas importancias ser antecipadamente remetidas em vale do correio.

Na rubrica—CORRESPONDENCIA—estará em relação com todos os seus assignantes e leitores

Redacção e Administração

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135 — LISBOA

Editores: ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD.

Novidade litteraria

O VALOR DA RAÇA

Introdução a uma Campanha Nacional

Por ANTONIO SARDINHA

(Antonio de Monforte)

Como apresentação inserimos os titulos dos capitulos d'este monumental trabalho de investigação historica e primor de litteratura portugueza:

- A Verdade Portugueza
- A hypothese do Homo Europaeus
- O genio occidental
- O espirito da Atlantida
- A theoria da Nacionalidade
- Integralismo Lusitano

Um volume de 210 paginas em bom papel, grande formato, 600 reis

Accresce o porte do correio, 50 reis

A VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos acompanhados da respectiva importancia aos

Editores:

Almeida, Miranda & Sousa, Ltd.

133, Rua dos Poiaes de S. Bento, 135

LISBOA

A EQUITATIVA DE PORTUGAL E ULTRAMAR

Sociedade de Seguros Mutuos sobre a Vida

Seguros de Vida—Seguros Terrestres e Maritimos  
—Seguros contra accidentes de trabalho

Reservas em 31 de Dezembro de 1914, Esc. 510.207\$30

Indemnizações pa as, Esc. 301.265\$34

SEDE SOCIAL LARGO DE CAMÕES, 11 LISBOA

NESTA CIDADE — O consoço Antonio Luiz da Silva Dantas.  
Rua de Payo Galvão, 70.

VITALIA

O Salgado com casa de modas, fazendas brancas, miudezas, chá preto e verde e vinhos finos da Ferreirinha é o unico depositario em Guimarães da VITALIA o melhor renovador do cabello infantil contra a caspa. Desconto aos revendedores.

RUA 31 DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se com todo o zelo e mediante commissões modicas—de receber e fazer prompta remessa de rendas de casas, juros, dividendos e amortizações de quaesquer titulos, pagaveis naquella capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalizá-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Continho & C.ª; e em Portugal: nesta cidade com o Snr. Francisco Joaquim de Freitas.

Ultima novidade scientifica

Qual é a forma da Terra?

POR

Mariotte

O livrinho "Qual é a forma da Terra?", que constitue o primeiro volume da nova colleção *Sciencia Popular*, destina-se a expôr ao grande publico a historia do grande problema scientifico da forma do nosso planeta, ainda hoje objecto de grandes discussões. Eis o summario dos capitulos:

I A imagem do mundo dos antigos

Um problema cuja historia se perde na noite dos tempos.—A imagem da Terra entre os gregos.—A imagem da Terra durante a Edade-Media.

II

Theoria da esphericidade da Terra

Observações que mostram a rotundidade da Terra.—As primeiras medidas das dimensões da Terra.—Colombo, Magalhães e o problema da forma e dimensões da Terra.—Principio da medida d'um arco de meridiano.—O Padre Picard verdadeiro fundador da geodesia.

III

O achatamento terrestre

O problema do achatamento por ar posto pelas theorias de Newton e pelas observações de Richer.—Uma controversia celebre: cassinistas e newtonistas.—Valor do achatamento polar. Systema metrico.

IV

A forma da Terra e as oscillações do pendulo

O pendulo e as suas leis d'oscillação.—Efeito da força centrifuga.—As variações da intensidade da gravidade reconhecidas pelo pendulo.—Formula de Clairaut.—Anomalias da gravidade.—O geóide.

V

Theoria tetraedrica da forma Terra

Principio do systema tetraedrico.—Consequencias geographicas da forma tetraedrica.—Torção do tetraedro terrestre. Depressão intercontinental.—A theoria tetraedrica e as anomalias da gravidade.—A theoria tetraedrica e a distribuição dos tremores de terra e dos vulcões na superficie terrestre.

Um volume de 100 paginas, illustrado com 19 gravuras, 200 reis

Editores—ALMEIDA, MIRANDA & SOUSA, LTD

Echos de Guimarães

PUBLICAÇÃO SEMANAL

PREÇO DA ASSIGNATURA (Pagamento adeantado)

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES (Pagamento adeantado)

Portugal, Ultramar e Hespanha	
Anno . . . . .	1\$300 rs.
Semestre . . . . .	650 "
Trimestre . . . . .	350 "
Estados U. do Brazil (anno) . . . . .	2\$000 "
Paizes da União Postal . . . . .	2\$500 "
Numero avulso . . . . .	30 "

Annuncios e communicados, linha	60 rs.
Repetições, por linha . . . . .	20 "
Permanentes, contracto convencional.	
Reclamos, no corpo do jornal, até 5 linhas, cada um . . . . .	100 "
Annunciam-se as publicações que o mereçam, mediante um exemplar gratis.	
Annuncios, não judiciais, para os snrs. assignantes, 25 % de abatimento.	

P. LUIZ DIAS DA SILVA

SERMÃO DA IMMACULADA CONCEIÇÃO

pregado na igreja matriz de Fafe, em 8 de Dezembro de 1912; acaba de ser editado num elegante opúsculo, precedido da narração do

interessante episódio que determinou a sua publicação.

PREÇO, 60 RS.

Pedidos à Typ. Minerva Vimaranesa B. Payo Galvão—Guimarães. Pelo correio 65 rs.

Echos de Guimarães

III Anno

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Num. 52

Ex. mo Snr.